

## PATRIMÓNIO CULTURAL

Poderá dizer-se que o Homem sempre foi religioso, ainda que esta religiosidade tomasse aspectos distintos consoante a época, o desenvolvimento cultural e a região onde se encontrasse.

Desde sempre os fenómenos naturais terão impressionado aqueles que os observam, levando-os a admitir a existência de forças sobrenaturais e divinas. Todavia, sendo o estudo da história das religiões um tema demasiado complexo, como é evidente, aqui apenas se fará uma breve referência às crenças das populações indígenas no período romano.

Alguns autores romanos — talvez para justificarem a necessidade da sua “influência civilizadora” sobre aqueles que eles consideravam os “bárbaros” da Península! — afirmaram que, ao contrário deles, estas populações não tinham deuses. E, de facto, se assim fosse, isso poderia significar um grande atraso cultural. Mas (os documentos não mentem!) logo que essas gentes aprenderam a utilizar a escrita romana — que é a nossa, ainda hoje: sempre lhes devemos alguma coisa! — começaram a escrever dedicatórias por votos feitos a muitos deuses... que não eram romanos!

Mas se essas divindades não tinham nomes romanos, isso não significava que a ideologia daqueles que as veneravam fosse muito distinta. E, actualmente, há quem pense que, afinal, muito havia ideologicamente de comum entre invasores e invadidos!

Conhecem-se várias dezenas de nomes de deuses, alguns identificados apenas uma ou duas vezes e outros várias vezes repetidos, nos monumentos que chegaram aos nossos dias. E, por vezes, esses nomes de deuses são mais vulgares numa determinada região. Tal como se afirmou nos boletins anteriores, passa-se o mesmo que com os nomes pessoais: daí que a destruição de qualquer destes documentos possa representar uma grande perda para o estudo da origem e cultura das gentes daquelas épocas.

(continua na pág. 7)

# PATRIMÓNIO CULTURAL

(continuação da pág. 6)

Não se conhecem ainda os atributos de muitos dos deuses que então eram venerados. Uns velariam pelo bem estar social e alimentação, outros pela força física e bravura; e outros ainda pela justiça e pela magia. Como exemplo destas divindades, vamos referir a inscrição rupestre do Cabeço das Fráguas (na Quinta de São Domingos, Pousafoles). Ali, em língua indígena mas utilizando o alfabeto romano, foi escrito:

**oilam Trebopala indi porcom Laebo, comaiam Iccona Loiminna, oilam usseam Trebarune indi taurom ifadem Reue Tre(...?)**

“uma cordeira para Trebopala e um leitão para Laebo, uma vitela (?) para Iccona Loimina, uma ovelha anata para Trebaruna e um touro de cobrição para Reua Tre(...?).

Porque é muito raro encontrarem-se documentos tão extensos, a importância deste é apenas (!) a seguinte:

1.º — deus para avançar na interpretação da língua indo-europeia daquela gente, que era uma língua céltica bastante antiga;

2.º — deus para confirmar a existência, então, de um rito indo-europeu característico, que era o de sacrificar certos animais a certos deuses;

3.º — deus para colocar a hipótese de estes deuses estarem inscritos segundo uma hierarquia teológica (vai aumentando ali a sua importância), o que muito ajudará no estudo destes teónimos quando aparecem isolados;

4.º — deus para ficarmos a saber que as populações de então e desta região (aqui chegadas talvez há cerca de 3.000 anos!) tiveram uma origem comum à das populações itálica, grega e indo-iraniana, mas culturalmente distintas de outras populações célticas do resto da Europa.

Imagine-se a perda que representaria se, como em muitos casos e infelizmente, esta inscrição tivesse sido destruída e não tivesse chegado aos nossos dias... Assim, por exemplo, poderá ser possível aproximarmos a divindade **trebo-Pala** (que significa a “Pala da Aldeia”) da homónima **vis-Pála** indiana, da **Pales** romana e da **Pallas** grega; a divindade **trebo-Aruna** (ou a “Aruna da aldeia”) das divindades **Ouranos** (Urano) grega, e da **Aruna** (ou **Varuna**) indo-iranianas.

Na Península, a divindade **Trebopala** apenas se conhece por este documento, embora na província espanhola de Cáceres (pertencentes à mesma região cultural “lusitana”) se conheçam dois epítetos seus derivados. E a divindade **Laebus** também só aqui se identificou (embora o



teónimo **Laburus** seja conhecido na Hungria).

Em **Iccona** temos uma divindade cujo teónimo já se conhecia também, por formas semelhantes, apenas no norte de Itália e na Alemanha. O epíteto, **Loiminna**, poderá ter o significante de “radiante, cintilante”, pelo que — tendo o radical **Icc-** o significado de “força física, vigor” — deverá tratar-se de uma divindade guerreira.

A divindade **Trebaruna** é conhecida em vários monumentos das regiões mais a sul (distrito de Castelo Branco, província de Cáceres e, também, num monumento do distrito de Lisboa). É um teónimo “lusitano” característico, tal como **Reua**, devendo tratar-se ambas de divindades supremas.

Assim, quando um indígena venerava a deusa romana **Victoria**, talvez o fizesse porque os seus atributos a aproximavam de **Iccona**. E quando venerava Júpiter, o deus supremo romano, talvez o considerasse próximo a **Reua**. Em qualquer dos casos, todos estes documentos revelam a profunda religiosidade das populações indígenas: ricos ou pobres, mais ou menos romanizados, todos veneravam os seus deuses.

Mas essas populações também acreditavam numa “vida depois da morte”, o que é também uma característica religiosa. Havia o costume de fazer os cemitérios junto aos caminhos de acesso às aldeias ou cidades e, por vezes, nas lápides funerárias eram escritas mensagens que colocavam o morto a “falar” com quem por ali passava, ao geito de oração; como, por exemplo:

“A ti que lês: eu te saúdo! Diz, peço-te:

**Que a terra te seja leve!**

A ti que já leste adeus!”

Pouco depois do ano 300, a religião oficial do Império Romano passou a ser a religião Cristã, embora já desde havia algum tempo o cristianismo tivesse penetrado na Península. Assim, lentamente e de forma nem sempre pacífica, os ritos e os mitos pagãos foram sendo esquecidos. Até ao momento, ainda se não identificou aqui qualquer documento cristão anterior à fundação do reino de Portugal: dos conhecidos, os mais próximos são lápides funerárias de Idanha-a-Velha (a antiga **Igaiditania**) e uma outra de Açores (Celorico da Beira). Todavia, no século VI (já na chamada Idade Média) a Península estava dividida em dioceses, e estas em paróquias: é possível que a maior parte do limite do concelho do Sabugal integrasse então a paróquia **Coleia** e pertencesse à diocese de Viseu; a parte restante, a sul, devia pertencer à diocese de **Egitânia** (Idanha-a-Velha), à qual sucedeu, apenas no século XIII, a diocese da Guarda.

\* \* \*

Admitindo que este “Boletim” se destina a informar todos quantos vivem no nosso concelho, nestes primeiros números tentámos alertá-los para a necessidade de se defender e preservar uma das formas do nosso património cultural o que é o “património arqueológico”. Mas o património cultural não é só isto, e certamente que outros poderão também contribuir com um alerta sobre a necessidade de defender o “património construído”, o “património escrito”, o “património natural” (fauna e flora), etc.: tudo quanto nos identifica e enriquece, merecendo ser deixado às gerações vindouras.

Fernando Curado